

# A HISTÓRIA ANTIGA EM MOVIMENTO: A HISTÓRIA GLOBAL COMO POSSIBILIDADE ÀS NOVAS ABORDAGENS



ANCIENT HISTORY IN MOTION: GLOBAL HISTORY AS A POSSIBILITY FOR NEW APPROACHES

Emilly Nayra Soares Albuquerque<sup>1</sup>  
Ramon Nere de Lima<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho tem o objetivo de realizar reflexões em torno das narrativas eurocêntricas que se consolidaram na História Antiga, que engrandeceram histórias de determinados povos considerados detentores de uma superioridade sociocultural. Evidencia-se que essas narrativas foram utilizadas para justificar a discriminação e o silenciamento de povos que tiveram suas trajetórias suprimidas em detrimento de uma referência de civilização com base em parâmetros europeus. Para repensar a elaboração e permanência das macro-histórias compartimentadas na História Antiga, serão articuladas as perspectivas da História Global enquanto uma metodologia que possibilita intercâmbios perpassando fronteiras, nações e demais categorizações que limitam uma investigação articulada aos processos globais.

**Palavras-chave:** Narrativas; História Antiga; Eurocentrismo; História Global.

## Abstract

This paper aims to reflect on the Eurocentric narratives that were consolidated in Ancient History, which exalted the stories of certain peoples considered to have sociocultural superiority. It is evident that these narratives were used to justify the discrimination and silencing of peoples whose trajectories were suppressed to the detriment of a reference of civilization based on European parameters. In order to rethink the elaboration and permanence of compartmentalized macro-histories in Ancient History, the perspectives of Global History will be articulated

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Acre. Email: emilly-xp@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em História (bolsista CNPq) pelo Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na linha de pesquisa Cultura e Etnicidade. Mestre em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). Email: ramonnere99@gmail.com.



as a methodology that enables exchanges across borders, nations and other categorizations that limit an investigation that articulates global processes.

**Keywords:** Narratives; Ancient History; Eurocentrism; Global History.

## Introdução

Este estudo surgiu a partir da perspectiva de romper com a compartimentação dos períodos considerados macro da história. A História Antiga, como parte dessa divisão, será compreendida através de novas abordagens historiográficas que desconstruem o dualismo de ocidente em superioridade ao oriente, de modo que narrativas canonizadas sejam problematizadas a partir de outros parâmetros de investigação.

Com base nas perspectivas de autores como Edward Said, Sanjay Seth e Sanjay Subrahmanyam questiona-se a consolidação de narrativas eurocêntricas na historiografia ocidental, que tendem a representar a história antiga como um processo linear e homogêneo. Seth, especificamente, critica a suposição de que a historiografia racional seja capaz de apreender integralmente os passados não ocidentais. Em sua análise, ele sugere que a história, concebida como um código, frequentemente distorce e subordina outras formas de conhecimento histórico, impondo, assim, um regime de verdade que obscurece a pluralidade de experiências e temporalidades<sup>3</sup>.

Essas novas abordagens de investigação partem de uma crítica ao eurocentrismo, uma abertura para novos horizontes que busquem entender que a Europa não detinha todo o conhecimento interiorizado em sua formação, mas que existiam intercâmbios entre povos em espaços e tempos que não aparecem na historiografia considerada oficial. Para que problematizações sejam feitas, alcançando perspectivas inexploradas até então, se faz necessário desvincular-se de paradigmas consolidados, utilizando metodologias que possibilitem o uso de novas fontes de investigação, de maneira que outras interpretações sejam articuladas.

---

<sup>3</sup> SETH, Sanjay. **Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?** História da Historiografia, v. 11, p. 173-189, 2013.



Assim, este estudo busca reunir diálogos entre autores que discutiram elementos que ultrapassam uma concepção binária, reducionista e excludente entre oriente e ocidente, na proposta de questionar paradigmas que constroem e reafirmam uma visão separatista e hierarquizada entre povos e sociedades. Portanto, pensar novas abordagens para um período que se enquadrou como História Antiga aponta novos percursos que destoam das narrativas que preconizam a sociedade ocidental enquanto referência da civilização, assim como induz a repensar a antiguidade como não predominantemente de herança apenas greco-romana.

As perspectivas desenvolvidas através do estudo intitulado *História Antiga e História Global: afluentes e confluências* serão utilizadas ao longo deste trabalho, tendo em vista o modo que Morales e Gebara da Silva<sup>4</sup> direcionam novas propostas para realizar estudos que se inserem no recorte temporal de período antigo, evitando utilizar macronarrativas oficiais como base. Contudo, para estabelecer diálogos fora desse terreno das grandes narrativas, é preciso entender as raízes em que se fundam as estruturas que sustentam modelos e referências de sociedades consolidadas como representação do progresso e civilidade.

Com as perspectivas de Said, em seu estudo *Orientalismo*<sup>5</sup>, é possível entender como o imperialismo adquire estabilidade para estabelecer as bases fundamentais com que será defendido enquanto categoria de saber validado pela cientificidade. Nessa concepção, as premissas do autor serão utilizadas para entender de que maneira “o outro”, inserido em uma condição de inferioridade, será subjugado, inventado e moldado de acordo com a representação daquele que o julga, ou seja, a partir das pretensões de quem tem o objetivo de obter o controle e o poder justificando esse poder pela condição de subalternidade que esse outro ocupa.

Conforme Figueiredo<sup>6</sup>, o termo "subalterno" foi introduzido no vocabulário teórico nos anos 1970, na Índia, para designar os sujeitos colonizados

---

<sup>4</sup> MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara da. **História Antiga e História Global: afluentes e confluências**. Rev. Bras. Hist. [online]. 2020, vol.40, n.83.

<sup>5</sup> SAID, Edward W. **O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>6</sup> FIGUEIREDO, Carlos. Estudos subalternos: uma introdução. **Raído**, 2010, 4.7: 83-92.



do subcontinente sul-asiático. Essa abordagem permitiu uma reorientação historiográfica, destacando as perspectivas dos povos dominados, em contraste com a narrativa tradicional centrada nos colonizadores e em seu poder hegemônico. Nesse contexto, o conceito de "subalternidade" sai de uma abstração para uma noção dotada de maior concretude e visibilidade, ressignificando as experiências históricas das populações subalternas.

Nesse sentido, segundo Figueiredo, os estudos subalternos tiveram início nos anos 1980, com Ranajit Guha liderando uma intervenção crítica na historiografia sul-asiática. Esse movimento tornou-se rapidamente um modelo analítico para o subcontinente e promoveu uma crítica ao pós-colonialismo. Autores como Guha e Gayatri Spivak utilizaram o termo "subalterno" para designar grupos marginalizados, aqueles destituídos de voz ou representatividade devido a seu status social. Trata-se, portanto, de um conceito amplo, relacionado à subordinação estrutural em diversos âmbitos da sociedade, como classe, casta, idade, gênero e trabalho.

Algumas das percepções que Sebastian Conrad apresenta em seu estudo *O que é História Global*<sup>7</sup> serão utilizadas nesse estudo, pela exposição que o autor faz para pensar a História Global a partir das possibilidades de relações entre objetos de pesquisa que anteriormente, pela supremacia do eurocentrismo, eram investigados de maneira isolada ou sob a sujeição de estar limitado a um determinado espaço/tempo. Desse modo, a História Global, ao propor um diálogo que atravessa fronteiras e categorias fixas, ressoa com a proposta de Sanjay Seth de pluralizar a Razão e transformar a escrita da história em um exercício de tradução entre diferentes tradições de raciocínio<sup>8</sup>. Em vez de aplicar uma lógica imperialista que corrige percepções "equivocadas" sobre o passado, a História Global possibilita a integração de múltiplas vozes, reconhecendo que a historiografia não deve reivindicar um privilégio epistêmico sobre outras formas de entender e representar o passado.

Os autores Graeber e Wengrow, na obra *O Despertar de tudo: uma nova história da Humanidade*<sup>9</sup> conduziram perspectivas para a formulação de outras

---

<sup>7</sup> CONRAD, Sebastian. **O que é a história global**. Lisboa: Edições 70, 2019.

<sup>8</sup> SETH, 2013.

<sup>9</sup> GRAEBER, David; WENGROW, David. **O despertar de tudo: uma nova história da humanidade**. Companhia das Letras, 2022.



interpretações acerca dos padrões que o mundo ocidental impôs a uma única via interpretativa para o conceito de civilização. Em busca de investigar a trajetória da humanidade, desvencilhando-se das determinações que constituíram níveis e características específicas para que determinados povos alcançassem a condição de “civilizados”, os autores retomaram discussões em torno da filosofia, arqueologia e outras áreas de conhecimento que investigam as ações humanas a fim de compreender as condições atribuídas ao conjunto de elementos que caracterizam os estágios de desenvolvimento de uma sociedade.

Ao refletir em torno da construção de uma narrativa, do poder da escrita ocidental para inserir “o outro” em uma posição de sujeição, as concepções de Michel de Certeau em *A Escrita da História*<sup>10</sup> serão elencadas na perspectiva de pensar o poder que a escrita exerce sobre os diferentes modelos de sociedade não europeias, sobretudo para afirmar uma soberania sobre aquele que será objeto da narrativa. Nesses termos, serão repensadas as narrativas a partir das suas pretensões de domínio, de controle e de aquisição de uma “vontade” de controle sobre o outro, tornando o que difere de sua vivência como subalterno e às margens do padrão de civilidade.

É através do reconhecimento das fronteiras do discurso colonial que é possível transgredir para além dos espaços constituídos para o subalterno, o selvagem, sobressaindo dessas dependências coloniais, conforme refletiu Homi Bhabha em *O Local da Cultura*:

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes...<sup>11</sup>

### **A internalização do eurocentrismo na História Antiga**

Problematizar narrativas consolidadas enquanto representações de uma “verdade” pressupõe a necessidade de romper com determinados padrões que existem na composição do sujeito em sociedade, formações que foram construídas e internalizadas no “sujeito social” interferindo nos processos de

<sup>10</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

<sup>11</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 24.



formação de crenças, costumes e valores. Assim, essas práticas socioculturais que fazem parte da formação humana, e que estão para além de interpretações das histórias consideradas oficiais na historiografia, precisam ser deslocadas da posição de referência predominante que ocupam, pois, são a partir dessas referências que sociedades são subjugadas, visto que, a partir de um parâmetro europeu, povos foram e ainda são condicionados a uma condição de tutela e inferioridade, justificando as práticas civilizatórias do imperialismo e da continuidade dos traços coloniais.

Assim, é possível identificar a dimensão dessas narrativas na subjetividade, pela forma que se enraízam em comportamentos, práticas, incluindo a maneira de entender que o que se encontra dentro e fora da vivência humana tem influência dos processos que interiorizam uma padronização de elementos que sustentam uma visão eurocêntrica no modo de compreender o mundo. Portanto, pela dificuldade de se desvincular desses pressupostos, propor novos campos de análises para pensar os pontos de convergência entre campos da História ainda não explorados na História Antiga, também remete a um rompimento com estruturas que fazem parte da composição do sujeito, ou seja, é preciso “desassociar-se” desses parâmetros de interpretação que modelam a forma de compreender os diferentes modelos de sociedades.

Morales e Silva utilizam a categoria *Eurocentrismo morfológico e Internalismo metodológico* para compreender a composição teórica-metodológica da estruturação dessas narrativas que se sobressaem em relação às outras sociedades que são hierarquizadas e inseridas em um terreno à margem do que se configura como modelo de civilização. O primeiro termo se refere à elaboração de grandes recortes que resultaram em um único bloco para tratar a História Antiga, enquanto o segundo, está relacionado ao uso de fatores de referência utilizados para sobrepôr ou verificar a existência dessas unidades em outras organizações de sociedades.

A explosão de novos objetos e abordagens em História Antiga, no final do século XX, levou à problematização do campo e incentivou a construção de alternativas que alteraram os parâmetros espaciais da disciplina. Duas delas são particularmente relevantes. A primeira é a proposta comparativa de escopo global, na qual experiências sociais da Antiguidade são



descoladas do *continuum* temporal para serem comparadas a casos similares de outros lugares e tempos.<sup>12</sup>

Conforme expõem os autores, diante das crises de antigos parâmetros de investigação, considerar que a História Antiga se limita a validar que o berço da civilização se restringe à sociedade ocidental não satisfazia mais os eixos discursivos centrais da disciplina, em detrimento da expansão de novos campos possíveis de análises. Diante dessa expansão de objetos no grande bloco que definia a disciplina, surgiram novas abordagens que buscaram refutar grandes contextos que valorizavam determinados modelos de sociedade e que, deformavam outras para adequá-las em inferioridade por não deterem os elementos que configuravam a ascensão ao desenvolvimento da humanidade com base em parâmetros eurocêntricos.

Desse modo, essas narrativas que engrandecem a herança greco-romana refletem o que Sanjay Seth descreve como a aplicação da Razão universal ao passado, transformando as particularidades históricas em um código que não pode representar adequadamente as histórias não-ocidentais<sup>13</sup>. O historicismo, segundo Seth, universaliza uma perspectiva ocidental ao tratar todas as outras tradições de conhecimento como aproximadas ou incompletas em relação à história racional. Dessa forma, a exclusão de contribuições culturais orientais ou africanas nos estudos sobre a antiguidade não é apenas uma omissão, mas parte de um projeto mais amplo de dominação epistêmica. Com os novos diálogos possíveis, através da História Global, foi possível compreender que as criações, na área de conhecimento, dos saberes e práticas, concebidas como exclusivamente da antiguidade clássica por Grécia e Roma antigas, são resultantes de um intercâmbio entre povos de outras regiões. Ou seja, que as referências da área da arte clássica, do conhecimento em torno da razão, da cognição humana, do Direito e outros campos que remetem à erudição fazem parte de uma relação de troca de experiências e práticas que devem incluir a contribuição de sociedades de outros espaços e regiões, como as de origem oriental.

---

<sup>12</sup> MORALES E SILVA, 2020, p. 130.

<sup>13</sup> SETH, 2013.

A partir dessas “crises” que proporcionaram desconstruções de pressupostos e formações que inviabilizavam as análises que estabelecessem associações entre povos em espaços em condições distintas, a comparação e a conexão ganharam força enquanto suportes para romper com os padrões de investigação anteriores. Portanto, é possível entender que a História Global parte de uma tendência que questiona composições consolidadas que isolam, restringem e impedem propostas de identificar movimentos, manifestações e percursos distintos em espaços definidos como antagônicos e incompatíveis sob o enfoque estrutural das narrativas eurocêntricas.

Bernal<sup>14</sup> reflete sobre as bases que fortaleceram um determinado modelo de sociedade, enquanto outras são renegadas, de maneira que até mesmo as suas contribuições econômicas, sociais e culturais são apropriadas por um modelo dominante, sem que seja dado a devida referência de que determinados elementos são resultantes do contato entre povos. Diante desses pressupostos, o autor evidencia como a representação da Grécia tornou-se um instrumento para justificar o projeto colonial, incluindo, a imposição da supremacia europeia, estruturando um discurso que defende a sua soberania para o mundo.

Essas narrativas foram fortalecidas pelos estudos clássicos, que durante um longo período concentraram suas temáticas para legitimar a herança da cultura europeia em torno da valorização de seus elementos socioculturais como padrões, traços que representariam um parâmetro de civilização a ser alcançado, mesmo que suas imposições resultassem em extermínio e exploração de povos e grupos étnicos. Pela proposta de traçar um percurso a ser imposto como o mais alto nível de civilidade, as ações imperialistas foram expandidas pelos demais continentes de maneira dominadora, alterando os modos de vidas que destoassem desse “padrão” de sociedade.

Bernal discute a construção de uma imagem da Grécia antiga que renega as contribuições de outros povos na composição dos elementos que triunfaram como especificidades de um “modelo ariano”. A composição desse modelo exclui as contribuições de outras regiões, como do oriente, na medida em que as

---

<sup>14</sup> BERNAL, Martin. **A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia.** In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). *Repensando o Mundo Antigo. Textos didáticos*, 49. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003.



investigações que evidenciam a presença e contribuições culturais de fenícios e egípcios foram, por um longo período, silenciadas pelo conjunto de narrativas que associaram a representação da Grécia a uma pureza racial, e por essa condição, elementos foram “engrandecidos”, desde a composição da língua até a simbologia de uma raça superior responsável pela formação de um modelo ideal de sociedade.

Conforme Subrahmanyam<sup>15</sup> (2017) aponta, essa narrativa eurocêntrica de progresso linear e inevitável obscurece a multiplicidade de trajetórias históricas e subestima o papel de outras regiões na formação do mundo antigo. Repensar as representações que imperam sobre as culturas gregas remetem a desestruturação de uma ordenação criada para enaltecer uma visão da Grécia, que não considera as contribuições de outros povos que participaram das formações do que hoje são considerados traços de civilidade de uma única formação de sociedade. A negação dos intercâmbios culturais reforça a imposição de um determinado padrão que se sobressai entre os demais modos de viver em sociedade, instituindo uma centralidade inerente à exclusão da trajetória de povos milenares, que tiveram seus costumes, técnicas e crenças apropriadas por um padrão de civilização que os exclui para se autoafirmar como detentor de uma herança cultural que o engradece.

### **A escrita como simbologia de poder sobre “o outro”**

A narrativa constituída sobre o outro, sobre o lugar que está sendo narrado, implica em um domínio que parte das referências de quem constrói a narrativa, ou seja, daquele que impõe sua representação, que será manifestada pela palavra, em um texto, um discurso ou diante de uma expressão que atribui um sentido ao que está se cristalizando pelo campo simbólico. Essa perspectiva da narrativa parte das concepções articuladas por Certeau, em sua obra intitulada *A escrita da História*, quando reflete sobre o papel da escrita como ferramenta de dominação e poder sobre o outro, analisando as ações da colonização e a relação com “o novo mundo”, e a elaboração da representação da “conquista” dos

---

<sup>15</sup> SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da História Global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, 2017, 30.60: 219-240.



espaços e dos povos, incluindo a ideia do descobrimento de um lugar até desconhecido do olhar europeu.

Nessa reflexão em torno dos efeitos de poder da escrita do ocidente sobre o que está fora do mundo ocidental, no que se refere a produção desse outro, aquele que se encontra em um lugar externo ao seu, Said<sup>16</sup> elenca importantes elementos para discutir perspectivas em torno da elaboração do oriente enquanto um discurso composto por intencionalidades daqueles que objetivam obter controle e domínio sobre ele. Assim, a partir de ambos os autores citados acima, é possível refletir que por trás de uma representação/narração sobre o outro, é perceptível a existência de uma vontade de se apoderar sobre o que não conhece, um desconhecido que adquire a condição de exótico pela sua diferença tornar-se uma argumentação para a exclusão e invalidade de sua história.

Para além da concepção de que o oriente é uma produção do ocidente, a obra de Said permite entender que todo o jogo de poder que estrutura a representação do que venha a ser um orientalismo, também ocorre em outras partes do mundo. Portanto, essa materialidade que envolve a forma que o mundo é compreendido através de padrões, possui relação direta com esse espaço narrado pelo outro. Portanto, está para além de uma generalidade sobre aquilo que destoa de sua concepção de mundo, tendo em vista que, ao afirmar o que é o outro, aquele que detém o poder de dizer sobre ele se reinventa e personifica o seu eu através dessa relação de dominação que é estabelecida.

Assim, através dessas narrativas, o outro ocupa um espaço limitado nas narrativas, na medida em que essas construções vão produzir “sentidos” à existência do sujeito, de modo que ele seja narrado deslocado de suas referências, reduzido a uma necessidade ocidental de absorção de uma identidade construída a partir de uma subjetividade inventada, imposta por uma estrutura exterior ao seu eu, de modos que os efeitos dessa imposição interfiram na relação que ele estabelece com o meio que vive. É diante dessa incorporação que a narrativa atinge as profundezas do ser, pela forma que transita no que está subjetivo, pela apropriação que faz do sujeito objetivando que ele não ultrapasse os limites entre

---

<sup>16</sup> SAID, 1996.



a manutenção e permanência de um poder que condiciona a sua experiência com o lugar em que vive.

O autor de *Orientalismo* contribui para que se refute a dimensão da narrativa sobre os corpos, no modo de pensar, agir e de se relacionar com os outros, já que ela pretende retirar a autonomia do sujeito. Nessa perspectiva, o orientalismo vem a ser uma representação que está para além de uma visão que o ocidente detém do oriente. “O orientalismo, portanto, não é uma fantasia avoadada da Europa sobre o Oriente, mas um corpo criado de teoria e prática em que houve, por muitas gerações, um considerável investimento material.”<sup>17</sup>

### **Decolonização epistemológica e História Global como crítica à Razão Universal**

A obra de Sanjay Seth, particularmente nos ensaios *Era cego e agora vejo: Modernidade e Ciências Sociais e Pensar com a modernidade é eurocêntrico?* oferece uma crítica contundente à universalidade presumida dos conceitos e categorias da modernidade ocidental. Segundo Seth, as ciências sociais modernas, ao se fundamentarem em uma visão de mundo emergida da experiência histórica europeia, foram concebidas para explicar transformações sociais específicas, como a Revolução Científica e o Iluminismo. Essas transformações, por sua vez, consolidaram uma narrativa que eleva a modernidade europeia a um paradigma universal de desenvolvimento e racionalidade. No entanto, quando esses conceitos são aplicados a contextos não-ocidentais, distorcem e subordinam outras formas de conhecimento, reiterando um olhar eurocêntrico que obscurece a pluralidade de experiências históricas.

A História Global, nesse contexto, emerge como uma tendência historiográfica que busca superar as limitações impostas por essa “Razão universal” ao propor uma abordagem que valoriza as interconexões entre diferentes sociedades e culturas, sem subordinar as experiências não-ocidentais a um modelo linear de progresso. Tal abordagem, ao questionar a centralidade europeia na escrita da história, promove a decolonização epistemológica, isto é, a desconstrução das estruturas de conhecimento que sustentam a hegemonia

---

<sup>17</sup> SAID, 1996, p. 18.



eurocêntrica, e possibilita a inclusão de outras formas de narrar e interpretar o passado<sup>18</sup>.

Ainda a discussão proposta por Graeber e Wengrow contribui diretamente para a reflexão sobre os limites da "razão universal" como princípio orientador da historiografia. Os autores argumentam que as narrativas eurocêntricas sobre a história, muitas vezes baseadas em noções de progresso linear e universalidade racional, ocultam as pluralidades de experiências humanas e simplificam a complexidade das interações sociais e culturais ao longo do tempo. A crítica deles à visão hobbesiana e rousseauiana da história, por exemplo, revela como essas teorias generalistas ignoram a riqueza das formas sociais experimentadas por diferentes sociedades ao longo da história, subordinando essas experiências a modelos de progresso oriundos da tradição europeia.

Nesse sentido, a História Global emerge como uma tendência historiográfica alinhada a essas críticas. Ela busca superar as limitações impostas pela "razão universal" ao valorizar as interconexões entre sociedades e culturas, descentrando a Europa como único eixo de análise histórica. Graeber e Wengrow reforçam essa perspectiva ao destacar como as críticas indígenas à sociedade europeia, como as de Kondiaronk<sup>19</sup>, oferecem uma base para reavaliar as narrativas tradicionais da história. Ao contrário de aceitar o modelo eurocêntrico de progresso, os autores enfatizam a diversidade de formas de organização social, muitas delas marcadas por práticas de igualdade, liberdade e experimentação que desafiam as hierarquias naturalizadas pelo pensamento europeu.

Essa abordagem dialoga com a História Global ao sugerir que as experiências humanas não podem ser encapsuladas em um único modelo linear de progresso. Ao contrário, a história deve reconhecer as múltiplas racionalidades que guiaram diferentes sociedades. Essa valorização da pluralidade epistemológica, também defendida por Subrahmanyam, promove uma decolonização do conhecimento histórico, desafiando as estruturas que

---

<sup>18</sup> SUBRAHMANYAM, 2017.

<sup>19</sup> Segundo Noakes (2014) Kondiaronk, líder Tionontati (nascido por volta de 1649 e falecido em 2 de agosto de 1701, em Montreal, QC), foi uma figura histórica conhecida por diversos nomes, como Gaspar Soiaga, Souoias, Sastaretsi e Le Rat (o Rato). Ele desempenhou um papel central na mediação da Grande Paz de Montreal, assinada em 1701. Este acordo de paz, celebrado entre os franceses e os Haudenosaunee, pôs fim a quase um século de conflitos, caracterizados por atrocidades cometidas por ambos os lados.



sustentam a hegemonia eurocêntrica. Assim como Graeber e Wengrow propõem olhar para as sociedades indígenas como sujeitos históricos que contribuíram para o pensamento social, a História Global expande as fronteiras da historiografia ao integrar outras formas de narrar e interpretar o passado. Portanto, há uma convergência na proposta de desconstruir as hierarquias epistemológicas e promover uma história que reconheça as contribuições e interconexões de todas as culturas, permitindo a inclusão de perspectivas historicamente marginalizadas.

### **Deslocando o centro de referência: crítica ao universalismo epistemológico**

A crítica de Seth à aplicação universal da modernidade pode ser observada na maneira como as histórias da Grécia e Roma, por exemplo, são frequentemente colocadas como pilares de civilização em detrimento das contribuições de outras culturas antigas. A historiografia tradicional, ao privilegiar essas narrativas, não apenas marginaliza outras sociedades, mas também reforça uma hierarquia que legitima a superioridade cultural europeia. A proposta de uma História Global, ao contrário, sugere uma abordagem que desestabiliza essa centralidade ao evidenciar como essas sociedades se desenvolveram em um contexto de intensas trocas culturais e econômicas com povos como os egípcios, fenícios e persas, cujas contribuições são frequentemente ignoradas ou subestimadas pela narrativa eurocêntrica dominante<sup>20</sup>.

Ao deslocar o centro de referência e reconhecer a complexidade das interações entre essas sociedades, a História Global permite uma compreensão mais rica e diversificada das dinâmicas históricas. Nesse sentido, ela refuta a ideia de que o desenvolvimento cultural e intelectual ocidental ocorreu de maneira isolada, desconectada das influências externas. A perspectiva global, portanto, não apenas amplia o escopo de análise, mas também desafia a premissa de que as sociedades não-ocidentais carecem de história ou de formas legítimas de conhecimento, promovendo uma verdadeira descolonização epistemológica<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> CONRAD, 2019.

<sup>21</sup> MORALES E SILVA, 2020.



Seth<sup>22</sup> argumenta que a racionalidade moderna, apresentada como um padrão universal de pensamento, não é apenas uma perspectiva eurocêntrica, mas também uma narrativa de poder que procura impor uma lógica particular como regra geral. Nesse ponto, a História Global oferece uma alternativa ao propor um estudo das sociedades em seus próprios termos, respeitando suas singularidades e evitando a imposição de categorias ocidentais para descrever suas dinâmicas sociais e culturais.

Ao analisar, por exemplo, as relações comerciais e culturais entre o Império Romano e os reinos do Oriente Médio, a perspectiva global permite que se observe como esses intercâmbios moldaram mutuamente as culturas envolvidas, sem reduzir a história romana a um processo autônomo de desenvolvimento. Em vez de conceber essas interações como meras influências periféricas, a História Global valoriza a complexidade das interconexões, reconhecendo que tais trocas foram fundamentais para a constituição das próprias identidades culturais romanas<sup>23</sup>.

### **Tradução e auto-reflexividade**

A noção de tradução e auto-reflexividade proposta por Sanjay Seth refere-se ao reconhecimento das limitações e desafios impostos pela transposição de conceitos ocidentais para descrever e analisar culturas e temporalidades que não compartilham as mesmas experiências históricas e epistemológicas da modernidade europeia<sup>24</sup>. Na historiografia tradicional, a história antiga frequentemente foi enquadrada dentro de categorias desenvolvidas para explicar o mundo moderno, como civilização, progresso e racionalidade, o que gera um processo de "tradução" que, longe de ser neutro, carrega consigo uma carga de poder e uma lógica que subordina outras formas de conhecimento e organização social.

No estudo da história antiga, essa questão torna-se particularmente relevante ao observarmos como a narrativa tradicional tende a privilegiar as sociedades greco-romanas como o ápice da experiência humana no mundo

---

<sup>22</sup> SETH, Sanjay. **História e Pós-colonialismo: ensaios sobre conhecimento ocidental, eurocentrismo e ciências sociais**. Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2021.

<sup>23</sup> SUBRAHMANYAM, 2017.

<sup>24</sup> SETH, 2013.



antigo, utilizando conceitos como "democracia", "cidadania" e "racionalidade" para descrever fenômenos específicos dessas culturas. No entanto, tais conceitos não são adequados para compreender a totalidade e a diversidade de experiências e formas de organização social existentes em outras regiões, como o Egito, a Mesopotâmia, ou as comunidades humanas do Vale do Indo. Essas sociedades desenvolveram suas próprias estruturas políticas, sistemas de crença e modos de vida que não se ajustam facilmente aos parâmetros ocidentais de análise.

A tentativa de traduzir essas culturas para o vocabulário ocidental pode resultar em distorções significativas. Por exemplo, o uso do termo "império" para descrever tanto o Império Romano quanto o Império Egípcio pode obscurecer as profundas diferenças entre as duas formações políticas e culturais, impondo um conceito ocidental que pressupõe uma forma específica de dominação territorial e administrativa que não necessariamente se aplica a outras tradições. A tradução, neste contexto, não se limita a um processo linguístico, mas envolve a transposição de um sistema de significados que, ao invés de clarificar, frequentemente distorce e subordina outras lógicas culturais<sup>25</sup>.

A auto-reflexividade, conforme proposta por Seth, exige que os historiadores reconheçam essas limitações e sejam críticos em relação aos pressupostos que trazem para a análise histórica. No campo da História Antiga, isso significa questionar como e por que determinadas narrativas se consolidaram como representações legítimas do passado. Historicamente, o estudo da antiguidade esteve atrelado à construção de uma identidade ocidental que via na Grécia e em Roma as origens de seus próprios valores e instituições. Tal perspectiva, como apontado por Seth, não apenas universaliza a experiência europeia, mas também marginaliza ou apaga as contribuições e experiências de outras culturas<sup>26</sup>.

A auto-reflexividade exige, portanto, uma reavaliação crítica das fontes, dos métodos e das interpretações empregadas. Por exemplo, a análise das cidades-estado gregas à luz do conceito moderno de democracia pode obscurecer a realidade de que, para a maioria da população grega (mulheres, escravos e estrangeiros), a democracia ateniense representava um sistema de exclusão e

---

<sup>25</sup> CHAKRABARTY, 2000.

<sup>26</sup> SETH, 2021.



dominação. Do mesmo modo, o uso do conceito de "civilização" para descrever culturas do Oriente Médio ou da Ásia sem considerar suas próprias concepções de ordem social, poder e religião resulta em uma leitura que subordina essas culturas a um padrão europeu de civilidade, frequentemente oscilando entre a exotização e a infantilização desses povos<sup>27</sup>.

Um exemplo prático dessa auto-reflexividade pode ser observado no estudo das comunidades humanas do Vale do Indo, como Harappa e Mohenjo-Daro (2200 a.C.)<sup>28</sup>. Durante muito tempo, essas culturas foram descritas com base em categorias eurocêntricas que enfatizavam a falta de monumentalidade comparável às pirâmides egípcias ou ao Parthenon grego, sugerindo que elas teriam sido "menos desenvolvidas" ou "primitivas". No entanto, estudos mais recentes, adotando uma abordagem auto-reflexiva e global, passaram a valorizar outros aspectos dessas sociedades, como sua complexa organização urbana, seus sistemas de esgoto avançados e a diversidade de sua produção artística, sem subordiná-los a uma narrativa que priorize a monumentalidade física como critério de desenvolvimento civilizacional<sup>29</sup>.

A partir dessa perspectiva, a História Global oferece um caminho para superar a "tradução distorcida" dessas culturas, reconhecendo que, ao tentar compreendê-las em seus próprios termos, evitamos a imposição de uma lógica de desenvolvimento que não se aplica à sua realidade histórica. Em vez de medir o desenvolvimento de Harappa e Mohenjo-Daro pela ausência de monumentos grandiosos, podemos apreciá-los por suas realizações em planejamento urbano e tecnologia, contextualizando suas escolhas culturais e econômicas dentro de seu próprio contexto ecológico e social.

Outro exemplo que ilustra a importância da auto-reflexividade na história antiga é a forma como se aborda o legado da Grécia e Roma. Tradicionalmente, a narrativa clássica apresenta essas sociedades como herdeiras de um legado de progresso linear e inevitável, ignorando as influências e intercâmbios com

---

<sup>27</sup> SAID, 1996.

<sup>28</sup> Os primeiros vestígios de assentamentos humanos planejados e permanentes foram encontrados no vale do rio Indo, datando aproximadamente de 2200 a.C. Nessas áreas, conhecidas hoje como Harappa e Mohenjo-Daro, foram revelados indícios de um sofisticado sistema de planejamento urbano e sanitário, caracterizado por amplas ruas pavimentadas e estruturas que sugerem a existência de banhos públicos e reservatórios de água (Unzer, 2018).

<sup>29</sup> CONRAD, 2019.



culturas não-europeias. A História Global, ao propor uma reavaliação dessa narrativa, demonstra que muito do que é considerado “legado greco-romano” foi, na verdade, resultado de intensas trocas culturais com o Oriente Próximo e o Norte da África, o que inclui influências filosóficas, artísticas e científicas. A filosofia grega, por exemplo, não pode ser compreendida sem reconhecer as influências babilônicas e egípcias em pensadores como Pitágoras e Platão. A auto-reflexividade aqui implica em reconhecer que a “pureza” da tradição greco-romana é uma construção historiográfica que serviu a propósitos ideológicos específicos, reforçando a ideia de uma superioridade cultural europeia<sup>30</sup>.

Nesse sentido, a noção de tradução e auto-reflexividade, portanto, não é apenas uma ferramenta metodológica, mas uma postura crítica fundamental para repensar a história antiga a partir de uma perspectiva que valorize a pluralidade de experiências e formas de conhecimento. Ao se engajar em um processo de auto-reflexividade, os historiadores não apenas evitam a imposição de um quadro conceitual inadequado às culturas que estudam, mas também promovem uma decolonização epistemológica, questionando as hierarquias de conhecimento e buscando uma historiografia que seja verdadeiramente inclusiva e representativa da diversidade histórica<sup>31</sup>.

Portanto, a crítica de Sanjay Seth à universalidade da modernidade e ao eurocentrismo nas ciências sociais encontra na História Global uma resposta potente para a promoção de uma historiografia verdadeiramente plural e inclusiva. Ao desafiar a centralidade europeia e valorizar as diversas formas de conhecimento, a História Global não apenas amplia o escopo da análise historiográfica, mas também oferece um caminho para a decolonização epistemológica, reconhecendo a legitimidade de outras tradições de pensamento e de organização social. Nesse sentido, ela não apenas refuta a Razão universal, mas propõe uma multiplicidade de razões, que devem ser compreendidas em sua própria complexidade e riqueza.

### **A História Global como problematização às narrativas eurocêntricas**

---

<sup>30</sup> BERNAL, 2003.

<sup>31</sup> SETH, 2021.



Ao analisar as narrativas sobre a Antiguidade, devemos reconhecer que as categorias e conceitos que utilizamos, como ‘civilização’, ‘progresso’ e ‘declínio’, são produtos de uma Razão europeia que se apresenta como universal, mas que na realidade reflete uma perspectiva particular. Sanjay Seth<sup>32</sup> argumenta que essa Razão não transcende as suas particularidades históricas e culturais e, ao aplicá-la aos passados não ocidentais, estamos muitas vezes impondo uma lógica que distorce e subordina outras tradições de conhecimento. Nesse sentido, a História Global nos oferece a possibilidade de explorar essas culturas em seus próprios termos, reconhecendo suas próprias formas de organização do conhecimento e do poder.

Com o advento de novos campos metodológicos que instituíram novas tendências para se pensar o fazer historiográfico, como a História Comparada e a História transnacional, a História Global surge como um método que permite sair de uma história de cunho nacional, permitindo propostas que perpassam fronteiras. Histórias que até então eram concebidas de maneira isolada passam a incorrer por perspectivas que buscam estabelecer relações, articulando uma rede que intercruza objetos que são analisados para além dos espaços que estão inseridos.

Ao adotar uma perspectiva comparativa e transnacional, conforme proposto por Subrahmanyam, é possível examinar fenômenos históricos como a formação das cidades-estados na Grécia, as dinastias chinesas e os reinos mesopotâmicos, sem recorrer a narrativas hierárquicas que priorizem uma civilização em detrimento de outra. Essa abordagem permite explorar tanto padrões recorrentes quanto divergências significativas nos processos de desenvolvimento social e político dessas sociedades, ampliando a compreensão de como dinâmicas semelhantes se desdobraram de maneiras distintas em contextos culturais específicos. Assim, evita-se a armadilha do reducionismo que simplifica a complexidade das experiências históricas, promovendo uma valorização das singularidades inerentes a cada trajetória histórica e desvelando a pluralidade de caminhos percorridos por diferentes sociedades ao longo do tempo.

---

<sup>32</sup> SETH, 2021.



Ainda é importante tratar do conceito de "(g)localismo", mencionado no texto de Christel Müller<sup>33</sup>, é particularmente relevante para sua análise da História Global e do glocalismo. Segundo Müller, o "(g)localismo" emerge como um neologismo que busca ir além da dicotomia entre o global e o local, enfatizando como os processos globais criam, influenciam e moldam as expressões e identidades locais nas pólis gregas. Essa ideia sugere que o localismo não é isolado ou meramente paroquial, mas frequentemente responde a perspectivas supralocais e globais. Na História Global, o "(g)localismo" poderia ser integrado ao estudo das redes de intercâmbio e das dinâmicas culturais, como a interação entre as pólis gregas e outras culturas do Mediterrâneo. Esse conceito reflete a tensão entre a conectividade e a autonomia, ressaltando como comunidades locais podem adaptar, resistir ou reinterpretar influências externas, mantendo simultaneamente suas identidades únicas.

Hora<sup>34</sup>, em diálogo com Müller, explora como as redes de contato e os processos históricos locais e globais se manifestam nos mecanismos de isolamento e conexão. Hora destaca que, no contexto histórico, o local e o global não se apresentam como categorias separadas, mas como esferas imbricadas que se moldam mutuamente. Essa perspectiva ressalta o papel das redes de troca cultural, econômica e política na criação de sentidos de lugar e identidade. Além disso, Hora argumenta que a globalização frequentemente desencadeia um sentimento de desconexão ou deslocalização, o que gera uma renovada valorização do local. Esse movimento cria formas de localismo, as quais não se opõem ao global, mas o desafiam e o redefinem.

Portanto, ao estabelecer uma relação entre essa perspectiva e o conceito de "(g)localismo)", é possível argumentar que ambos convergem na exploração das interações intrincadas entre as dimensões local e global. O "(g)localismo)", nesse sentido, destaca a coexistência e a interdependência entre esses níveis, possibilitando análises mais amplas e críticas das narrativas eurocêntricas e das abordagens compartimentalizadas da história, ao mesmo tempo em que valoriza as singularidades e as interconexões que caracterizam as sociedades antigas.

---

<sup>33</sup> MULLER, Christel. Globalization, Transnationalism, and the Local in Ancient Greece. Oxford Handbooks Online, **Classical Studies, Social and Economic History**, 2016.

<sup>34</sup> HORA, Juliana Figueira da. Localismo e glocalismo no norte do egeu: por uma abordagem contextual na trácia arcaica. **Revista Héléade**, 2019, 5-3: 144-167.



Além disso, a ideia de uma História Conectada, também elaborada por Subrahmanyam, questiona as abordagens tradicionais que tratam as sociedades antigas como entidades isoladas e autossuficientes. Em vez disso, essa perspectiva enfatiza as redes de intercâmbio, comércio e migração que vinculavam sociedades como o Egito, a Mesopotâmia e o Vale do Indo, evidenciando que esses mundos antigos estavam profundamente entrelaçados por dinâmicas complexas de interação cultural e econômica, desmontando, assim, a noção de compartimentalização e revelando um cenário de interconexões históricas que atravessavam fronteiras geográficas e temporais.

Ademais a crítica ao nacionalismo metodológico<sup>35</sup>, levantada por Subrahmanyam, é particularmente relevante para o estudo da História Antiga. Em vez de analisar sociedades como o Egito, a Grécia e Roma de forma isolada, como se fossem equivalentes aos estados-nação modernos, devemos considerar as interações transculturais que moldaram esses mundos antigos. As trocas de conhecimento, mercadorias e ideias entre essas sociedades mostram que elas não eram entidades autocontidas, mas parte de um sistema interconectado que desafia as fronteiras tradicionais da historiografia.

O nacionalismo metodológico, que trata as sociedades antigas como precursoras dos estados-nação modernos, limita a compreensão das complexas interações entre essas sociedades. Por exemplo, as trocas entre o Império Aquemênida e as cidades-estados gregas foram muito mais complexas do que uma simples relação de rivalidade, envolvendo cooperação econômica e influências culturais mútuas.

Nesse sentido, a partir de Conrad é possível entender que a História Global rompe com as divisões de espaços, seja de fronteiras, estados ou nações, e assim, esses parâmetros deixam de ser referências que limitam as condições de

---

<sup>35</sup> No texto de Thomas Faist (2022), o conceito de "nacionalismo metodológico" descreve a inclinação das ciências sociais, particularmente nos estudos sobre migração, em considerar o Estado-nação como o principal e, frequentemente, o único contexto relevante para a análise social. Essa perspectiva enxerga as instituições estatais nacionais como "contêineres sociais", nos quais as práticas e interações humanas estariam confinadas. O nacionalismo metodológico, portanto, pressupõe que as práticas sociais e os processos decisórios políticos são intrinsecamente congruentes e limitados ao âmbito territorial e institucional do Estado-nação, desconsiderando a complexidade e a interconectividade das práticas sociais que se estendem além dessas fronteiras. Assim, essa abordagem acaba por obscurecer a compreensão de dinâmicas sociais transnacionais e os múltiplos fluxos que desafiam e atravessam os limites impostos pelas configurações estatais.



estabelecer diálogos entre territórios diferentes, tendo em vista que uma perspectiva global parte do pressuposto de ir além desses espaços que se dividem como autônomos e singulares. Com essa concepção “de ir além” das histórias nacionais, é permitido pensar que a História Global contribui com a problematização de narrativas eurocêntricas que enaltecem histórias de nações concebidas como “puras”, desenvolvidas internamente sem o intercâmbio entre outros grupos ou sociedades.

Uma definição preliminar e bastante lata de história global pode ser formulada da seguinte maneira: é uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais. No entanto, não existe consenso sobre o caminho que se deve percorrer para atingir tal resultado. Existem muitas outras abordagens que competem, hoje, pela atenção dos investigadores: desde a história comparada e transnacional, à história mundial, passando pela «grande história», pelos estudos pós-coloniais e pela história da globalização. Tal como a história global, estas perspectivas também procuram expor e explicar as conexões do passado.<sup>36</sup>

Nessa reflexão que o autor faz das novas abordagens através da História Global, compreende-se que esse novo campo traz uma proposta importante não somente para novos estudos que estabeleçam relações entre nações, territórios ou objetos que pertençam a espaços diferentes, mas para repensar as narrativas que imperam sobre determinadas culturas, sociedades e povos. Com as ampliações possíveis por intermédio desse novo campo metodológico, histórias nacionais passam a ser questionadas a partir de outros ângulos, indagando as características postas em uma particularidade, reformulando percursos investigativos que evidenciem as similaridades e encontros entre povos.

A partir das considerações evidenciadas pelo autor, sobre a abertura que a História Global faz para que se questione as narrativas consolidadas a partir de uma conexão com outros espaços, saberes e povos, na perspectiva de que essa metodologia parte de uma história de “tudo”, as possibilidades de encontrar as relações, os entrecruzamentos culturais são os principais pontos dessa nova abordagem. Assim, esse viés global permite que os parâmetros que compartimentaram a história sejam refutados, de maneira que se abram campos de investigação que evidenciem a trajetória de povos que tiveram suas histórias

---

<sup>36</sup> CONRAD, 2019, p. 16.



invisibilizadas pelas “grandes narrativas” que se apropriaram das suas contribuições e os colocaram numa condição de inferioridade e tutela.

### **Considerações finais**

Portanto, este trabalho busca oferecer novas perspectivas para os estudos de História Antiga e História Global ao promover uma análise crítica das narrativas eurocêntricas que têm tradicionalmente dominado esses campos. A partir de um diálogo com autores como Sanjay Seth, Edward Said e Sebastian Conrad, o estudo se propõe a questionar a centralidade da herança greco-romana na compreensão da antiguidade, propondo uma abordagem que valorize a pluralidade de experiências históricas e culturais. As contribuições deste estudo podem ser delineadas em três aspectos principais.

Primeiramente, no âmbito da História Antiga, o trabalho desafia as macro-narrativas que enaltecem o desenvolvimento das civilizações ocidentais como a única via legítima de progresso humano. Ao evidenciar as limitações de uma perspectiva que subordina outras tradições culturais a um padrão europeu, o estudo reforça a necessidade de desconstruir a ideia de que a Grécia e Roma foram os únicos berços da civilização<sup>37</sup>. Em vez disso, propõe que se reconheça o papel fundamental de intercâmbios interculturais na formação de saberes que são, comumente, atribuídos exclusivamente ao Ocidente. Assim, ao questionar a visão de que a História Antiga deve ser vista como uma sucessão linear e homogênea de eventos, o trabalho sugere novas possibilidades de investigação que considerem a complexidade e a diversidade dos processos históricos da antiguidade.

Além disso, este estudo propõe uma reavaliação da metodologia empregada na análise da História Antiga, destacando a importância de uma abordagem reflexiva e crítica. A partir da ideia de “tradução” e “auto-reflexividade”<sup>38</sup>, argumenta-se que é necessário reconhecer as limitações impostas pela transposição de conceitos ocidentais para descrever culturas e temporalidades que não compartilham as mesmas experiências históricas e

---

<sup>37</sup> BERNAL, 2003.

<sup>38</sup> SETH, 2013.



epistemológicas. Ao utilizar a História Global como ferramenta metodológica, o trabalho busca desestabilizar as categorias tradicionais que definem a historiografia antiga, permitindo que novas fontes e perspectivas sejam incorporadas, rompendo, assim, com os paradigmas excludentes e redutores que marcaram a disciplina<sup>39</sup>.

Em segundo lugar, no campo da História Global, este estudo oferece uma importante contribuição ao demonstrar como essa abordagem pode ser efetivamente aplicada para o estudo de períodos anteriores à modernidade. Embora a História Global tenha se consolidado como um método de análise voltado predominantemente para os períodos moderno e contemporâneo, o artigo mostra como suas premissas também são relevantes para a compreensão das dinâmicas interculturais e interregionais na antiguidade. Ao evidenciar as interconexões existentes entre sociedades como o Egito, a Mesopotâmia, o Vale do Indo e a Grécia, o estudo revela um cenário de trocas e influências mútuas que desafia a visão compartimentada e isolada das civilizações antigas<sup>40</sup>.

Ao questionar o universalismo epistemológico das ciências sociais, o trabalho contribui para a decolonização da historiografia ao criticar a imposição de uma lógica europeia que subordina outras formas de conhecimento<sup>41</sup>. A proposta aqui apresentada, de analisar as culturas antigas em seus próprios termos, sem recorrer a uma leitura que distorce e subordina suas singularidades a um padrão europeu, busca construir uma historiografia mais inclusiva e representativa da diversidade histórica. Ao integrar diferentes temporalidades e espacialidades, o estudo sugere que a História Global pode ir além das fronteiras estabelecidas pelo nacionalismo metodológico, proporcionando uma visão mais ampla e conectada do passado<sup>42</sup>.

Dessa maneira, torna-se premente uma revisão crítica dos alicerces epistemológicos que moldam tanto a História Antiga quanto a História Global. Ao interpelar as narrativas tradicionais que, por tanto tempo, perpetuaram a ideia de uma superioridade cultural europeia, o presente estudo propõe uma

---

<sup>39</sup> CERTEAU, 1982.

<sup>40</sup> CONRAD, 2019.

<sup>41</sup> SETH, 2013; 2021.

<sup>42</sup> SUBRAHMANYAM, 2017.



reconfiguração das leituras historiográficas, ampliando-as para abarcar as múltiplas vozes e trajetórias historicamente subjugadas. Essa abordagem não se limita a confrontar as estruturas de poder que legitimaram o discurso eurocêntrico, mas também pavimenta o caminho para novas investigações que contemplem e integrem a riqueza de distintas tradições de pensamento e modos de organização social<sup>43</sup>.

As considerações apresentadas sugerem que a História Antiga, quando analisada sob o prisma da História Global, pode revelar intercâmbios e contribuições mútuas que foram historicamente silenciados ou marginalizados pela narrativa dominante. Nesse sentido, o trabalho reafirma a importância de se desconstruir os binarismos que opõem o Ocidente ao Oriente e de adotar metodologias que permitam uma leitura mais inclusiva e dinâmica do passado. Com isso, busca-se não apenas repensar as categorias que delimitam o campo de estudo, mas também contribuir para uma historiografia que, ao valorizar a diversidade de experiências e saberes, promova uma verdadeira decolonização epistemológica.

Em suma, o presente estudo contribui de maneira relevante para os debates acerca da História Antiga e da História Global, ao introduzir novas perspectivas para a compreensão da antiguidade e ao problematizar as bases epistemológicas que, tradicionalmente, relegaram ao silêncio as vivências de povos e culturas não europeias. Ao estabelecer um diálogo entre distintas temporalidades e espacialidades, a pesquisa aponta para rotas alternativas na construção do conhecimento histórico, que reconhecem e celebram a complexidade e a multiplicidade das trajetórias humanas ao longo do tempo.

**Data de submissão:** 27/09/2024

**Data de aceite:** 24/11/2024

---

<sup>43</sup> MORALES E SILVA, 2020.



## Referências

Chakrabarty, Dipesh. **Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BERNAL, Martin. **A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia**. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). *Repensando o Mundo Antigo*. Textos didáticos, 49. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CONRAD, Sebastian. **O que é a história global**. Lisboa: Edições 70, 2019.

FAIST, Thomas. Métodos transfronterizos: el desafío del nacionalismo metodológico y las perspectivas de la metodología transnacional. **Migración y Desarrollo**, 2022, 20.38.

FIGUEIREDO, Carlos. Estudos subalternos: uma introdução. **Raído**, 2010, 4.7: 83-92.

GRAEBER, David; WENGROW, David. **O despertar de tudo: uma nova história da humanidade**. Companhia das Letras, 2022.

HORA, Juliana Figueira da. Localismo e glocalismo no norte do egeu: por uma abordagem contextual na trácia arcaica. **Revista Héléade**, 2019, 5.3: 144-167.

MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara da. **História Antiga e História Global: afluentes e confluências**. Rev. Bras. Hist. [online]. 2020, vol.40, n.83.

MULLER, Christel. Globalization, Transnationalism, and the Local in Ancient Greece. Oxford Handbooks Online, **Classical Studies, Social and Economic History**, 2016.

NOAKES, Taylor. Kondiaronk. **The Canadian Encyclopedia**, 5 fev. 2014. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/kondiaronk>. Acesso em: 3 dez. 2024.

SAID, Edward W. **O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SETH, Sanjay. **Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?** História da Historiografia, v. 11, p. 173-189, 2013.

SETH, Sanjay. **História e Pós-colonialismo: ensaios sobre conhecimento ocidental, eurocentrismo e ciências sociais**. Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2021.



SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da História Global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, 2017, 30.60: 219-240.

UNZER, Emiliano. **História da Ásia**. EUA: Amazon Independent Publishing, 2018.

